

## ENTREVISTA

# De criança afrorreligiosa a alabê huntó de Oxalá: entrevista com ogã Fábio Furtado sobre dedicação a umbanda e tambor de mina

**Aline Paiva dos Santos**

Mestranda em Estudos de Cultura e Política pela Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
<https://orcid.org/0009-0005-9163-5347>

**David Junior de Souza Silva**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG)  
<http://orcid.org/0000-0003-2336-4870>

Fábio Bernardo Furtado é ogã na Casa de Mina Jeje Nagô Nossa Senhora das Graças, localizada na zona sul de Macapá. Formado em História, com especialização em história da cultura africana e afro-brasileira, ele trilhou uma longa jornada até se tornar alabê huntó de Oxalá, que é o chefe dos abatazeiros e o primeiro a tocar para os orixás e encantados.

O amor pelo mundo dos encantados começou na infância, por volta dos sete anos. O afrorreligioso morava em frente ao terreiro, comandado por Mãe Iolete Nunes, que conta com mais de 50 anos de tradição com a cabocla Mariana. Desde jovem, ele teve que lidar com a intolerância religiosa, no início com familiares, e posteriormente ao se autoafirmar integrante de comunidade de matriz africana.

A entrevista foi concedida no espaço religioso em que participa, para produção da monografia *Axé e resistência: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá*, apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Amapá

(Unifap). A narrativa apresenta a trajetória do entrevistado nas religiões da umbanda e tambor de mina, além da luta contra o preconceito religioso.

**Aline Paiva:** Qual função no terreiro? Quanto tempo de barracão? O terreiro é de candomblé, mina e umbanda?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Sou o Alabê Huntó de Oxalá, que é o chefe dos abatazeiros, o primeiro que toca para os orixás e encantados da casa. Nós inicialmente, antes mesmo de ser tambor de mina, temos uma tradição umbandista, e o cargo que tenho hoje veio dessa educação religiosa.

Passei por este processo de educação na umbanda, que é tocar para os encantados, pajés e tudo mais. Estou há uns 25 anos junto da Mãe Iolete, que pagou todas suas obrigações. Sempre fui aqui do terreiro da Casa de Mina Jeje Nagô Nossa Senhora das Graças. Por decisão dos orixás que a Mãe de Santo carrega, ela me nomeou, na verdade os orixás me deram este cargo para ser o primeiro alabê da casa. A Mãe Iolete já tem 52 anos de encanto na tradição do seu encantado, que é a cabocla Mariana.

**Aline Paiva:** Qual foi seu primeiro contato com a religião de matriz africana?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** A minha família carnal não é da religião. Passei a participar, pois moro aqui em frente a casa/barracão da Mãe Iolete. Aquilo me chamou atenção porque eram pessoas que estavam cantando para alguma coisa. Acredito que eu tinha uns sete anos, ainda não era esse terreiro, o espaço era simples, bem básico, menor do que isso aqui hoje. Aos sábados, umas 18h, deixava de ficar na rua e vinha assistir aquele momento.

Por questões tradicionais, minha família é praticante da igreja católica. Minha mãe e avó nunca me deixaram ficar sozinho em casa, me levavam para igreja. Digo assim que não deixei de ser católico, assisto a missa e tudo mais, porém estou bem focado, originalizado no tambor de mina, na umbanda, naquilo que me traz uma fortaleza de energia sobrenatural, na minha religiosidade.

Comecei a assistir desde os meus sete anos. Entrei para casa com uns 13 para 14 anos, após identificação com os instrumentos do terreiro, que é o tambor, o agogô. Isso me chamava muito atenção, porque a Mãe de Santo falava que eu podia ficar responsável por estes instrumentos. Hoje, sou muito feliz onde estou, por essa confiança que ela me deu.

**Aline Paiva:** Como você expressa sua religiosidade fora do terreiro?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Busco não entrar em conflito, pois acho que quando passamos a frequentar o terreiro, levamos isso para o cotidiano. Quando utilizamos alguns elementos na vestimenta ou guia, somos vistos com olhares atravessados, irônicos, de deboche, e acabo pensando em não entrar em confronto porque é uma ignorância do ser humano. Eles não conhecem aquilo que eu sou, o que prático. Para essas pessoas somos diabos, negatividade, e é tudo ao contrário. Quando você passa a conversar sobre aquilo que você é, quebra certos paradigmas.

Porém, acontece que tem pessoas travadas e passam a viver naquela ignorância, que no caso são as discriminações que sofremos, a intolerância. Não é fácil, chegamos ao vives de confronto físico. Por mais que façamos “ensinar”, muitos continuam fechados para os conhecimentos, insistindo em dizer que somos o diabo, aquele que a igreja católica inventou na idade média.

Ainda que não seja fácil, a resistência está neste nosso quadrado [terreiro]. Pedimos aos orixás para aumentar a nossa fé e resistir a todo esse processo de intolerância, porque logicamente que não é confronto físico ou direto que vai acabar com ela. É um processo árduo e longo que precisa sempre ter diálogo. Vou usar como exemplo o Papa Francisco, que consegue entrar em uma casa que não é da igreja católica, por que eu não posso ter um diálogo com um cristão que segue outras doutrinas?

Quando passei a me identificar, a dizer que andava em terreiro, tem aquela frase de quem é de terreiro é macumbeiro. Você faz coisas negativas. E nunca me vi assim! A casa de matriz africana agrega todo e qualquer tipo de pessoa, existe uma afetividade independente do gênero, da sua orientação sexual.

Nunca entendi a pessoa que aponta o dedo para o irmão dizendo que ele é negativo, que não presta, que anda com o diabo. Sofremos isso dentro da família. A diferença incomoda, ainda mais quando você usa o branco, usa uma guia e se diz afrorreligioso.

Na minha família, inúmeros fatos aconteceram. Inicialmente falavam lá vai o macumbeiro, ele tá levando folhas para aquela casa, folhas de mangueira para o terreiro, para fazer macumba. Não foi fácil! Chorei, ainda porque era criança. Por isso, sempre conversei com a Mãe de Santo, os irmãos mais antigos, que me passavam orientação de deixar para lá, de ser pacífico.

Nunca cheguei a entrar em uma delegacia para denunciar que a pessoa estava fazendo intolerância comigo. Eles ficam nos julgando, mas quando precisam de um passe

nós não somos macumbeiros. Quando trás o filho, o neto, aquela criança para darmos um passe não somos negativos. Estamos transmitindo saúde e os mais velhos dizem para olharmos para esse lado.

**Aline Paiva:** Como é a abordagem no trabalho? Você trabalha em um órgão público, já chegaram a te perguntar por que estava vestido de tal maneira?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Sempre existem as perguntas do “porque toda sexta-feira você tá de branco?”, “porque você tá todo de branco?” Logicamente, que por educação, vou passar a informação que recebi aqui dentro do terreiro. Respondo: Sim, sou um afrorreligioso! Sou umbandista! Sou praticante do tambor de mina. Isso mostra a minha identidade. A religião é uma cultura que move um povo, um grupo social. Com isso, consigo desmistificar parcialmente, pois informamos os colegas profissionais. Mas, sabe o que parece? Que foi só um momento de conversa, pois no restante dos outros dias o comportamento não muda e nunca vai ser intolerância, nunca vai ser discriminação, ele sempre vai dizer que não dá para se aproximar, para ter uma amizade, um contato mais próximo.

**Aline Paiva:** Como o terreiro é visto na vizinhança? Já reclamaram sobre o barulho? Recorda de algum caso?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Nossa tradição envolve o sagrado e o profano, porque o terreiro é aberto aos clientes e aos amigos dos clientes. Sempre é marcado a festa de acordo com a data que a Mãe de Santo coloca, isso são os toques dos tambores.

Nos toques utilizamos fogos de artifício. Em um desses momentos, que tinha a presença de poucas pessoas, de 15 a 20, soltamos os fogos. Uma hora depois chegou o batalhão ambiental querendo medir o volume do tambor. Falaram que foi denúncia, que estávamos fazendo barulho, bagunçando. Explicamos que aqui era um terreiro, uma casa afrorreligiosa e que nem todos os tambores estavam sendo tocados. O que aconteceu foi que soltamos pistolas e dentro do horário da lei municipal, que diz que festa no meio da semana vai até as 2h. Era 23h. É lógico que foi antes da pandemia, mas não foi a primeira, nem a segunda, nem a terceira vez que ocorreu.

Acredito que a vizinhança leva para o lado pessoal. Chegou um momento em que a Mãe de Santo quis fechar o terreiro por causa dessas questões, porque você envolve a saúde mental e física do dono da casa. Nós falamos que não, que era a nossa religião e não somos baderneiros.

**Aline Paiva:** Para você, o que é intolerância ou preconceito religioso? O que significa ser afrorreligioso pra você?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Uma palavra bem chave é resistir. Defino como resistência. A pessoa quando se fecha para aquela doutrina, é a minha que tá certa e pronto, vem o fanatismo.

O ser humano precisa buscar forças em alguma coisa sobrenatural. Antes mesmo de ser um afrorreligioso, nos alimentamos de energia como ar, o fogo, a água, e pra mim tudo está atrelado aos deuses, voduns, orixás que os africanos trouxeram e deixaram para gente. E os entrancados, pela sua sabedoria. É importante dizer que não é o caminho que devemos seguir, e sim o que podemos escolher.

Os encantados são aqueles que viveram em períodos anteriores, como o colonial do Brasil ou até mesmo antes. Nas suas histórias, contadas em seus cânticos, mostram que o caminho da vida pessoal é lento, mas também pode ser rápido, ou médio, depende do que você vai escolher, tem vários caminhos. O escolher é sua vida profissional e familiar, sempre buscando a fé. A fé é algo que você não consegue explicar. Eles mostram um caminho que você pode cruzar. Além disso, acima dos deuses tem o maior de todos, que é Olorum.

**Aline Paiva:** O que você aprendeu com a religião?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** A religião passa a ser um aprendizado para vida pessoal do ser humano. A partir do momento que acendemos uma vela para um orixá e ele dá os ensinamentos que aquele caminho que você está seguindo é o errado. Por exemplo, quando eu entrei na universidade, abriu um leque, me especializei e agora consigo conversar com aquele intolerante. Tudo isso acendendo uma vela para os nossos deuses sobrenaturais, para os encantados, que a vida vai nos modificando, vai nos lapidando.

**Aline Paiva:** Como é sua vivência e dedicação à religião?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Não é apenas vir tocar tambor. Não é só festa. O tambor é um instrumento sagrado. Tudo que está dentro do terreiro se torna sagrado. E por você está dentro, ouvir, sentir a energia, está passando uma mensagem para você. Se você se doar, se entregar, consegue evoluir.

**Aline Paiva:** O que são encantarias? E encantados? Famílias?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** A umbanda, também tambor de mina, nós colocamos falanges dos encantados. Nas suas doutrinas, eles colocam que foram pessoas que viveram no período imperial, colonial, que trouxeram a formação do nosso país. Existem outros encantados que não são do Brasil? Sim. Na festividade de Iemanjá tem os toques para os marinheiros, que são aqueles que vieram nos navios mercantes da Europa para o Brasil no período colonial, tem as falanges dos codoenses, que são encantados que vieram de alguns países da África para o Maranhão. Tem falange dos nordestinos com o cangaço.

São famílias que se encantaram em algum canto do nosso país. Temos a Amazônia que é rica na diversidade, de encantaria. Escutamos várias histórias de ribeirinhos que sumiram na água e não voltaram mais. Lógico que isso é um processo espiritual da natureza com essas pessoas que se perderam nesse caminho.

A família da bela turca, que são as três irmãs, cabocla Mariana, Jarina e Herondina. Muitas coisas se tornam segredos entre elas e passam a ser para aquelas pessoas que as recebem. Conhecemos as histórias através dos pontos, cânticos, rezas.

A pajelança é o chamamento dos pajés, que fazem trabalho de cura. Temos os caciques da pena verde, seu tupinambá, que são índios caciques juremados, ou não, são índios até de antes da invasão europeia no Brasil.

Na nossa casa, a Mãe de Santo pratica o batizado do encantado e do filho. É aquela firmeza do médium que carrega aquele encantado, quem é o primeiro que vem com ele e segue para vida toda. E no tambor de mina temos recolhimento, que são com voduns.

**Aline Paiva:** O que achas desse tipo de pesquisa?

**Alabê Huntó de Oxalá Fábio:** Isso é uma grande vitória pra gente, de abrir as portas para quem quer escrever a nossa identidade. Muito se foi apagado da história do negro do Brasil. Com essa nova roupagem, com esse novo tempo que estamos, tem muitas pessoas que estão escrevendo a nossa história, que seu trabalho seja executado com êxito.